



O ENSINO RELIGIOSO E A CULTURA DE PAZ: UMA VIVÊNCIA DOS CÍRCULOS DE PAZ DURANTE A PANDEMIA COVID-19 NO AMBIENTE ESCOLAR DE TEMPO INTEGRAL

RELIGIUS EDUCATION AND THE CULTURE OF PEACE: NA EXPERIENCE OF CIRCLES OF PEACE DURING THE COVID-19 PANDEMIC IN THE ALL DAY SCHOOL ENVIRONMENT

Carolina Soares Costa ¹

Resumo: O presente trabalho relata a experiência de planejar e executar uma proposta de inserção do tema Cultura da Paz na escola sob a forma de um componente curricular que tem caráter vivencial e complementar à abordagem reflexiva sobre o tema na disciplina de Ensino Religioso dentro de uma escola de tempo integral no Município de Vila Velha-ES. Com a presente proposta foi criado um espaço a mais dentro do currículo escolar que, em parceria com o Ensino Religioso, estimulando a reflexão sobre o mundo pandêmico atual, situações de saúde mental e perdas que o Covid-19 trouxe para a comunidade escolar, associando a cultura de paz e círculos de paz com os alunos do ensino fundamental, para a expressão de novas atitudes no cotidiano.

Palavras chave: Ensino Religioso. Justiça Restaurativa. Cultura de Paz. Círculos de Paz.

Abstract: The present work reports the experience of planning and executing a proposal for the insertion of the Culture of Peace theme at school in the form of a curricular component that has an experiential character and complements the reflective approach on the subject in the discipline of Religious Education within a school of full time in the Municipality of Vila Velha-ES. With this proposal, an extra space was created within the school curriculum that, in partnership with Religious Education, stimulating reflection on the current pandemic world, mental health situations and losses that Covid-19 brought to the school community, associating the culture of peace and circles of peace with elementary school students, for the expression of new attitudes in their daily lives.

Keywords: Religious Education. Restorative Justice. Culture of Peace. Circles of Peace.

¹ Graduada em História (pela UFES). Pós-Graduada em Psicopedagogia (Pelo CESPE) e Gestão Integrada (pela UNIDA). Mestranda do curso de Ciências da Religião da Faculdade Unida de Vitória (FUV). Atualmente professora de Ensino Religioso na Prefeitura Municipal de Vila Velha. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0816281514369262>. E-mail: soares.lina101010@gmail.com



Introdução

O tema central deste trabalho é a educação para a paz. De modo mais preciso, planejar e executar uma proposta em forma de projeto do tema Cultura da Paz na escola com caráter vivencial e complementar à abordagem reflexiva sobre o tema no Ensino Religioso.

Vive-se numa sociedade na qual cada vez mais os valores de convivência como respeito, educação, diálogo, cooperação e ética são deixados de lado, comprometendo as relações humanas e apresentando reflexos profundos e marcantes em toda a sociedade. Nas escolas observa-se um reflexo dessas atitudes e a possibilidade de trabalhar comportamentos, por meio do diálogo e compreensão.

Com a presente proposta, pretendemos criar um espaço a mais dentro do currículo escolar que, em parceria com o Ensino Religioso possa aprofundar as diversas fases da cultura de paz, por meio dos chamados círculos da paz ou círculos de diálogo.

Vila Velha tem um lugar peculiar quanto a essa temática. Desde 2016, os Círculos Restaurativos começaram a ser realizados nesse município, por meio do Programa Reconstruir o Viver, idealizado pela juíza Patrícia Neves, titular da 1ª Vara da Infância e da Juventude do município. A prefeitura de Vila Velha conta com um Núcleo de Práticas Restaurativas e Mediação, situado no pólo Universidade Aberta do Brasil (UAB). Cerca de trinta escolas municipais são contempladas com o projeto, através da formação de mediadores escolares e facilitadores de círculos.

Nessas escolas, há trabalhos pontuais dos professores mediadores e/ou facilitadores, contando até com projetos voltados específicos daquela comunidade para a mediação escolar e círculos de paz. Esses projetos tiveram um impacto fértil, em especial nas escolas da rede de Vila Velha. Considera-se que essa repercussão pode ser ainda maior, pois nas escolas de tempo integral os alunos permanecem mais tempo na escola e o professor poderia propor momentos diferenciados para além das disciplinas obrigatórias da Base Nacional.

Tendo em vista essa abertura curricular do Ensino Religioso na UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo, realizamos nessa escola a experiência proposta com a inserção da Cultura da Paz como complementar as discussões já presentes no campo do Ensino Religioso, numa ampliação em um horizonte que articule reflexão e vivência. Assim, são fortalecidos espaços e tempos escolares que problematizam a violência e se empenham na construção de outros modelos de ação humana.

O momento acometido no mundo pandêmico dificulta e acelera a discussão sobre conflitos de diversas formas e saúde mental dos discentes. Sendo assim, pela dificuldade de não poder obter encontros presenciais, colocamos inicialmente em prática o sistema virtual, com reuniões mensais online em cada turma, por meio de convites e tivemos até agora, boa adesão dos estudantes.

Pretende-se com as atividades deste trabalho, conhecer um pouco mais do dia a dia dos alunos e trabalhar valores como responsabilidade, cuidado, convivência, respeito, amor e amizade e desenvolver a criatividade. Diante das referências estudadas é de infinita importância e também fundamental trabalhar, as relações interpessoais nesse período pandêmico, buscando um convívio mais humano entre todos da comunidade escolar.

Metodologia

Para a elucidação deste projeto utilizou-se uma metodologia de pesquisa-ação, a qual consiste no levantamento de uma questão bem como a resolução de tal, de modo participativo e envolvendo os diversos atores do contexto estudado. A partir desta concepção, a escola se configura como um ambiente no qual as questões pertinentes à toda a sociedade aflora e se reflete, nesse sentido, há a possibilidade que não só sejam levantadas problemáticas, mas também, construídos meios para solução de problemas. Neste âmbito, segundo Adriana Pereira o professor-pesquisador ensina aprendendo e os alunos/as alunas/as alunas aprendem ensinando.¹

A escolha desta metodologia se deve ao fato que propõe a resolução dos problemas em determinado local, no caso a escola, de modo a inicialmente compreender o ambiente de modo

¹ PEREIRA, Adriana S; SHITSUKA, Dorlivete M.; PARREIRA, Fábio J.; SHITSUKA, Ricardo. Metodologia da Pesquisa Científica. Santa Maria: UFSM, NTE, 2018. p. 44-46.

reflexivo e considerando os contextos envolvido e para então propor soluções participativas envolvendo toda a comunidade em questão no intuito de promover uma consciência sobre determinadas situações no sentido de levantar os porquês que levaram a determinado acontecimento e o que se pode fazer para mudar a realidade, fato que ocorre de forma cíclica e exigem constantes reflexões. Sobre a pesquisa-ação destaca-se que:

Quando há a participação de modo democrático, as pessoas são ouvidas e passam a se engajar e se sentirem responsáveis pelos processos e pela resolução conjunta dos problemas. Esse tipo de enfoque é particularmente importante na formação dos professores, uma vez que o tempo nos bancos escolares em cursos de licenciatura ou outros de bacharelado frequentemente se mostram insuficientes para se trabalhar todos os aspectos possíveis, que podem ocorrer em situações práticas do cotidiano escolar, uma vez que a prática do cotidiano é muito mais rica em possibilidades (SHITSUKA, 2018).

As discussões refletidas ao longo do escopo do estudo assumem uma concepção qualitativa de pesquisa. Essa abordagem distancia-se da ideia de verdades absolutas e propõe a análise crítica fundamentada na compreensão do ser humano como sujeito subjetivo, perpassados por contextos históricos, sociais e culturais. Na pesquisa qualitativa, Elaine Guerra aponta que o cientista se debruça sobre o fenômeno na busca por uma compreensão, assumindo um caráter não passivo e levando em consideração os contextos do que se é refletido. Nesse sentido, propõe uma análise crítica sobre concepções de maneira a construir ideias capazes de transformar a realidade da sociedade.²

Quanto ao ambiente de pesquisa, destaca-se inicialmente o município de Vila Velha – Espírito Santo, o qual possui uma relação de proximidade com a temática do estudo. Em 2016, os Círculos Restaurativos começaram a ser realizados no município, por meio do Programa Reconstruir o Viver, idealizado pela juíza Patrícia Neves, titular da 1ª Vara da Infância e da Juventude. A prefeitura de Vila Velha conta com um Núcleo de Práticas Restaurativas e Mediação, situado no polo Universidade Aberta do Brasil (UAB). Cerca de trinta escolas municipais são contempladas com o projeto, através da formação de mediadores escolares e facilitadores de círculos.

Nessas escolas, há trabalhos pontuais dos professores mediadores e/ou facilitadores, contando até com projetos voltados específicos daquela comunidade para a mediação escolar e círculos de paz. Esses projetos tiveram um impacto fértil e sobre tal, considera-se que a repercussão pode ser ainda maior, pois nas escolas em que o ensino ocorre no tempo integral os estudantes permanecem mais tempo no ambiente escolar permitindo que o professor proponha momentos diferenciados para além das disciplinas obrigatórias da Base Nacional Comum Curricular (BNCC);

Tendo em vista essa abertura curricular do Ensino Religioso na UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo, realizou-se nessa escola a experiência proposta com a inserção da Cultura de Paz como complementar as discussões já presentes no campo do Ensino Religioso, numa ampliação em um horizonte que articule reflexão e vivência. Assim, são fortalecidos espaços e tempos escolares que problematizam a violência e se empenham na construção de outros modelos de ação humana.

Trata-se de Escola Municipal localizada no Bairro Jardim Colorado, no Município de Vila Velha/ES, em área urbana, contando com o oferecimento regular das etapas de Ensino Fundamental, Anos Iniciais e Anos Finais, além de contar com a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). De acordo com o Censo Escolar do INEP do ano de 2021, a escola contava com 580 alunos matriculados nos Anos finais, 85 matrículas no EJA e 58 na Educação Especial e um quadro de 50 professores.

² GUERRA, Elaine L. A. Manual de pesquisa qualitativa. Belo Horizonte: Grupo ANIMA Educação, 2014. p. 10.

Justiça restaurativa na educação

A justiça restaurativa (JR), do modo como está sendo formulada no contexto ocidental, vem ganhando influência em várias áreas. Segundo Boonen (2011), é um tema novo para o público brasileiro, tanto no que se refere a aplicação quanto a reflexão, pois se trata de um campo em construção.³

A história da JR é relativamente curta e dela emergem vários princípios e práticas⁴. Envolve vítima, o ofensor e a comunidade, numa busca para as soluções que promovam o reparo, a reconciliação, e constituem assim, uma garantia de segurança. Surge dos diversos problemas não resolvidos, ao lado de falhas no sistema prisional, forçando os profissionais das mais diversas áreas a repensar o paradigma retributivo para o restaurativo, a fim de concentrar-se no prejuízo causado, nas relações interpessoais e comunitárias, mais do que as regras ou na lei quebradas, indicando que o diálogo é o caminho e talvez a JR possa dar uma resposta a necessidade dessa mudança⁵

A JR vem lançando raízes na área da educação. “Desde os anos 1990 professores têm conduzido processos circulares para fortalecer a comunidade da sala de aula e da escola; têm criado os princípios e práticas da JR para responder comportamentos desafiadores e danosos.”⁶ O crescimento em ambientes pedagógicos se deve aos profissionais que implementam os princípios e práticas na rotina escolar. Contudo, ainda carece de estudos teóricos sobre o tema, reunindo assim, as experiências a teoria, num ambiente mais completo no qual todos os envolvidos conseguem se destacar.⁷

Na Justiça restaurativa Escolar (JRE) é composta por três componentes que amadureceram ao longo de anos de prática nas escolas a fim de obter das pessoas o real valor e levando em consideração que elas são seres emocionais. Nesse sentido cria-se ambientes justos e equitativos, nutre-se relacionamentos saudáveis e repara-se danos e transformar conflitos.⁸

Sendo assim, na justiça restaurativa na educação é ampliado e partilhado as perspectivas de justiça (implementado através dos relacionamentos, numa condição de respeito, dignidade e proteção de direitos e oportunidades), restaurativa (descrevendo o modo como a dignidade, o valor e a interconexão de um grupo são nutridos, protegidos e reestabelecidos) e educação (do latim *educare*, que significa ‘conduzir, fazer aflorar’, buscando emponderar o estudante para agir de acordo com sua capacidade de ser humano relacional).⁹

As crenças centrais da JRE são: Todos os seres humanos têm valor e são interconectados. A JRE reconhece a necessidade de pertencimento das pessoas, ou o ‘desejo universal humano de se ligar a outros de um modo bom’. Essas crenças estão fundadas em três valores-chave respeito, dignidade e cuidado mútuo. Dentro desses valores, muitos outros podem ser identificados segundo as necessidades particulares das pessoas[...] confiança, honestidade, incentivo[...] (EVANS; VAANDERING, 2018).

Além das crenças, há também os componentes necessários a cultura escolar restaurativa ¹⁰

- Criar ambientes de aprendizado justos e equitativos, significa que alunos, funcionários serão reconhecidos e aceitos por quem são, inclusive por sua raça, gênero, sexualidade, condição socioeconômica, religião, linguagem, etc. Todos tem a oportunidade de participar, oferecer e

3 BOONEN, Petronella Maria. A justiça restaurativa, um desafio para a educação. Tese doutorado. São Paulo, 2011, p. 19

4 EVANS, Katerine e VAANDERING, Doroty. Justiça restaurativa na educação, 1ª edição. São Paulo, ed. Palas Athena, 2018. P. 13

5 BOONEN, 2011, p. 29

6 EVANS e VAANDERING, 2018, p. 15

7 SCHIRCH, Lisa, Construção estratégica de paz. 1ª edição. São Paulo, editora Palas Athena, 2019. p. 22

8 EVANS e VAANDERING, 2018, p. 12

9 SCHIRCH, p. 24

10 EVANS e VAANDERING, 2018, p. 17-19

receber recursos e apoio para sua experiência e aprendizado pessoal;

- Nutrir relacionamentos saudáveis é p reconhecimentos de que a saúde social e emocional é vital para aprender e para viver. Tanto alunos quanto professores florescem quando se sentem aceitos e respeitados por aqueles com quem convivem. Assim, o respeito, a inclusão, a resolução de conflitos, o aprendizado e ensino recíprocos, a tomada de decisões, etc devem ser integrados em todos os aspectos da educação

- Reparar danos e transformar conflitos é o reconhecimento de que o conflito e o dano são partes normais da vida e muitas vezes oferecem oportunidades de aprendizado e transformação. Juntos, todos os envolvidos e a comunidade aprendem a se comunicar claramente para identificar os danos, estimular a responsabilidade naqueles que causaram os danos, aceitar e cuidar das necessidades dos que foram prejudicados e dos que lesaram os outros.

O desafio do contexto atual, se tratando de saúde mental, é manter as relações saudáveis. Contudo, observa-se as relações cada vez mais difíceis, dolorosas e rasas, pois a necessidade inata de pertencimento está prejudicada. O resultado são níveis crescentes de ansiedade e outros diagnósticos de saúde mental, que acabam agravando conflitos interpessoais e sociais. Os educadores vêm notando e lutando para responder essas necessidades. Nesse sentido, a JRE pode ser uma resposta relevante nesse contexto de uma sociedade desconectada.¹¹

Os relacionamentos saudáveis são construídos como as pessoas se comunicam de modo respeitoso e partilham o poder a fim de permitir que as necessidades individuais e coletivas sejam atendidas.

A comunicação respeitosa acontece quando as pessoas levam em conta o fato de as mensagens enviadas e recebidas tem um impacto sobre o senso de valor e bem-estar do outro. Ela estimula as pessoas a manifestarem seu melhor lado mesmo em circunstâncias desafiadoras (EVANS; VAANDERING, 2018).

A JRE enfatiza de modo especial a dependência mútua, e não a interdependência, para que os relacionamentos construídos se tornem mutuamente benéficos, ou seja, interdependentes, é preciso ter consciência daquilo que figura um relacionamento de qualidade.

É preciso frisar que os processos circulares que envolvem a presente pesquisa não se resumem somente as práticas restaurativas, embora possam ser utilizadas para abordar possíveis situações de conflito, como material complementar. As práticas restaurativas e os círculos possuem uma conexão estratégica, mas as práticas circulares podem ser usados, por exemplo, para organizar diálogos, traçar estratégias de intervenção e integrar equipes, celebrar conquistas, acolher novas pessoas no grupo, dialogar sobre temas em sala de aula, organizar reflexões coletivas, etc. Não há necessidade de existir um conflito para se realizar um círculo, de modo que o “círculo restaurativo” é apenas uma das várias espécies do gênero “ processos circulares” ou “ construção de círculos de paz”.¹²

Educação para a paz: um dos desafios da escola

A pergunta-chave que motivou é: quais os limites e os avanços que a configuração de uma disciplina escolar sobre a Cultura da Paz, trabalhada em parceria com o Ensino Religioso, pode ter para o horizonte da educação para a paz?

Construir uma cultura da paz tem sido parte integrante de qualquer sociedade, em seus mais variados contextos e envolve toda a sociedade numa compreensão dos princípios e respeito pela liberdade, tolerância, justiça, democracia, igualdade direitos humanos e solidariedade, implicando em uma rejeição, individual e coletiva, da violência e manutenção da saúde mental. A cultura da paz pode ser uma resposta a diversos tratados e tem de procurar soluções que advenham de dentro da própria sociedade.

11 Evans e Vaandering, 2018, p. 67-69

12 Apostila de facilitadores de processos circulares do NUPIA-MPPR, Ministério Público do Paraná, 2020, p. 28

A Organização das Nações Unidas (ONU) definiu cultura de paz na Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, em 13 de setembro de 1999:

Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; No pleno respeito e na promoção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais; No compromisso com a solução pacífica dos conflitos; Nos esforços para satisfazer as necessidades de desenvolvimento e proteção do meio-ambiente para as gerações presente e futuras; No respeito e fomento à igualdade de direitos e oportunidades de mulheres e homens; No respeito e fomento ao direito de todas as pessoas à liberdade de expressão, opinião e informação; Na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações; e animados por uma atmosfera nacional e internacional que favoreça a paz (NUNES, 2011).

Pensando em uma sociedade mais justa, solidária e fraterna em que as pessoas se respeitem mutuamente, a Unesco estabeleceu, em 1993, a Comissão Internacional da Educação para o Século XXI, escrita por Jacques Delors. Nesse relatório, definem-se os 4 pilares da educação: [...] aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser”¹³ (DELORS, apud NUNES, 2011).

O aprender a ser, na concepção de Delors significa que: “A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade social, espiritualidade”.¹⁴ O aprender a “conviver” aponta que a escola deve ensinar o aluno a se relacionar melhor em seu meio, de forma participativa, solidária e cooperativa. Isso significa que “A escola deverá incutir nos alunos o respeito pela diversidade humana em todos os sentidos”.¹⁵

Um dos primeiros passos nesse sentido refere-se à gestão de conflitos. Nesse caso, trata-se de prevenir os conflitos e reconstruir a paz e a confiança entre pessoas envolvidas nessa situação. A outra, interessa a temática saúde mental, tendo em vista a necessidade atual, diante de uma pandemia de nível mundial. Tal missão estende-se às escolas, instituições e outros locais de trabalho por todo o mundo, bem como aos espaços de governo, centros de comunicação, a lares e associações.

Encontramos em um momento extremamente delicado da história mundial: a pandemia da Covid-19 e com ela incertezas. A quarentena para os estudantes, por exemplo, numa idade onde a maioria das interações sociais são realizadas na escola se fez presente a discussão.

“O fechamento das escolas se faz eficaz em tempos de pandemia, pois além das crianças serem menos cuidadosas com as medidas de higiene e prevenção [...] Além do medo, das perdas em vários sentidos, há vários conflitos e debates pelo fechamento ou não das escolas no Brasil. Entretanto, faz necessário um olhar histórico e delicado, pois na Gripe Espanhola de 1918 houve uma necessidade maior de intervenção, aonde “escolas e creches fechariam por semanas,

13 NUNES, Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores, 2011. p. 33.

14 DELORS, apud NUNES, 2011, p. 33.

15 NUNES, 2011, p. 41.

e a sobrecarga daquilo que chamaremos de último cenário limitaria até mesmo o trabalho em home office”¹⁶.

A escola tem o papel neste cenário conflituoso, pois não existe um ser humano igual ao outro, cada um pensa e age de maneira diferente. A mediação elaborada do conflito é um meio de resolver os problemas sem a necessidade da violência. Se essa mediação não ocorre, o conflito pode tomar uma proporção que foge do alcance, desencadeando agressões verbais, físicas e psicológicas.

Para que o diálogo se efetive na prática, muitas ações vêm sendo desenvolvidas nas escolas. Uma delas é a utilização das abordagens restaurativas que consistem em “[...] práticas pelas quais, através da comunicação não violenta, os atores refletem e discutem sobre o que motivou o conflito e quais foram as consequências na vida deles” O diálogo busca resolver o problema, passando a ser uma ação educativa, pois todos os envolvidos, sem julgamentos prévios ou definições, passam a se responsabilizar e a criar solução para o caso. [...] Em vez de culpar e punir, o foco é restaurar as relações entre as pessoas envolvidas no conflito, criando uma cultura de diálogo, respeito mútuo e paz (NUNES, 2011).

Por mais limites que possua, a escola mostra-se relevante. É na escola que a pessoa pode aprender a conviver com outras pessoas, pensamentos e hábitos diferentes; aprender a viver com seus colegas. Dessa forma, oferece a oportunidade de aperfeiçoar seus relacionamentos, sendo um momento de aprender.

Nesse sentido, implementou-se um conteúdo “Cultura de Paz” na grade curricular da escola junto com o componente curricular Ensino Religioso por meio da construção dos círculos de paz, com intuito de fortalecer, segundo Pranis (2010, p. 13)¹⁷ “um ambiente no qual os participantes desenvolvem a consciência emocional e competência emocional e aprendem a praticar a atenção plena e escuta ativa”. Ainda segundo Pranis

A abordagem aqui é engajar os jovens em uma jornada de autoconscientização das relações. Nosso objetivo é ajudá-los a reconhecer e buscar alternativas saudáveis para suprir suas necessidades. Nós acreditamos que, a partir de uma base saudável, os jovens farão escolhas saudáveis. Nós confiamos em que a sabedoria interna de jovens, e dos adultos à sua volta, emergirá se esses fortalecimentos e essas habilidades relacionais forem nutridas (PRANIS, 2010).

Para se formar um ser humano, é preciso, antes, saber que humano se quer construir. É também saber a qual tipo de sociedade se estará servindo: cooperativa ou coercitiva, tolerante ou permissiva, democrática ou autoritária.¹⁸ Segundo Bicalho (2013),¹⁹ quando se fala em cultura da paz, deve-se lembrar que esse trabalho enfatiza o respeitar a vida e a diversidade, rejeitar a violência, ouvir o outro para compreendê-lo, preservar o planeta, redescobrir a solidariedade,

16 BARRY, John M. A Grande Gripe. A História Da Gripe Espanhola, A Pandemia Mais Mortal De Todos Os Tempos. São Paulo: Editora Intrínseca. 2020, p.56

17 PRANIS, Kay. No coração da esperança: guia de práticas circulares, 2010. p. 13.

18 FREIRE. N. M. B. et AL. Educação Para a Paz e a Tolerância: Fundamentos teóricos e Prática Educacional. São Paulo: Mercado das Letras, 2001. p. 29.

19 BICALHO, M. Cultura de Paz: Convivência e cultura de paz. 2013. Disponível em: <http://convivenciaepaz.org.br/cultura-de-paz/> acessado em: 15 mai. 2020..

buscar equilíbrio nas relações de gênero e etnias, fortalecer a democracia e os direitos humanos. Tudo isso faz parte da cultura de paz e convivência. Quando se fala de cultura da paz, isso não quer dizer que não tenha conflitos e sim buscar solucionar esses conflitos através do diálogo, entendimento e do respeito à diferença.

O Processo Circular, nesse sentido, é uma prática restaurativa desenvolvida pela professora Kay Pranis. Tem como base o processo de resolução de conflitos e tomada de decisões inspirados nas comunidades indígenas norte-americanas e canadenses. Os círculos de construção de paz colocam pessoas em contato direto para dialogar de maneira qualificada. O intuito é a construção coletiva de soluções para os problemas por meio da partilha de ideias e de sentimentos e em um ambiente de segurança. O método usado pretende não apenas resolver conflitos, mas também preveni-los, assim como fortalecer os vínculos entre as pessoas (PRANYS, 2010).

Segundo Pranis (2011),²⁰ os círculos se apresentam como essência, princípios e valores da Cultura da Paz e da Justiça Restaurativa. O principal objetivo é a “efetividade na pacificação das relações sociais”, atualizando e promovendo a chamada democracia ativa. Assim, a Justiça Restaurativa pretende apresentar-se como uma resposta mais humana na solução dos conflitos: “Os círculos de construção de paz são algumas das estratégias utilizadas como metodologia pela Justiça Restaurativa. Neles, os envolvidos debatem seus sentimentos, expõem seus argumentos e buscam, dessa forma, amenizar as próprias diferenças”.²¹

Nesse sentido, entendendo a importância e para aplicabilidade desse processo, a cultura da paz começou a ser mais intensificada a partir do ano 2000 quando foi proclamado o ano Internacional da Cultura da Paz.

No Brasil, a lei nº 13.663/2018 inclui a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura. No documento normativo aplicado à educação escolar, definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) e orientado pelos princípios que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade mais justa. Sendo assim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)²² define como competências gerais do Ensino Religioso para o ensino fundamental.

- Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos;
- Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos;
- Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal;
- Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania (MEC, 2019).

E Competência específica para o ensino religioso, no ponto 6

Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz (MEC, 2019).

Em nível estadual, a lei nº 10.382, no artigo 7.24, promove a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade, resgatando assim a educação em valores humanos e o Ato Normativo Conjunto nº 028/2018 instala a Central de Justiça Restaurativa,

20 PRANIS, 2011, p. 28

21 PRANIS, 2011, p. 14.

22 BNCC, Ministério da Educação, 2019

tornando estadual o Programa Reconstruir o Viver. No município de Vila Velha, desde 2019, há um núcleo de técnicas de justiça restaurativa na resolução de conflitos no ambiente escolar, tornando assim o ambiente frutífero para o desenvolvimento da presente pesquisa.

O Ensino Religioso e as práticas circulares

Para Moreno,²³ a educação para a paz tem que ser vivencial e realizada a partir da experiência, ou seja, da interação dinâmica. Por isso, neste texto, entende que a abordagem de caráter vivencial vinculado à reflexão sobre a cultura da paz no Ensino Religioso se faz necessária.

A metodologia utilizada é baseada no estudo de caso descritivo e analítico, a partir de pesquisa de campo. O plano de ensino da disciplina Cultura da Paz terá como base a Justiça Restaurativa e as reflexões desenvolvidas na disciplina do Ensino Religioso, um terreno no Brasil bastante fértil e plural, haja vista a heterogeneização do campo religioso, cuja circulação de bens simbólico-religiosos atravessa os estudantes que trazem tais narrativas religiosas para a escola, sendo mister, prudência na elaboração de uma Cultura de Paz que não discrimine outrem. Isto porque é notório o conceito de “heterogeneização, traduz forças de pluralização e diversificação presentes na sociedade brasileira”²⁴.

No relatório apresentado à (UNESCO) pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1996 p.95) reforça que: “a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas”. Ainda sobre essa questão Martinelli, afirma que: “Os valores humanos conscientizados e vivenciados individualmente, em família e na escola serão certamente o fermento que fará crescer a fraternidade, a compaixão, a reverência e a cooperação como esteios da criação de uma nova sociedade”²⁵ (MARTINELLI, 2006, p. 10).

Desse modo, terá como formato os círculos de diálogo, orientados pelo núcleo de práticas restaurativas do município de Vila Velha. Inicialmente, essa proposta realizou uma apresentação aos gestores por meio de uma conversa efetiva e segura com todos os sujeitos envolvidos: a equipe pedagógica e gestores da Unidade Municipal de Ensino Fundamental de Tempo Integral Reverendo Antônio da Silva Cosmo, assim como as turmas do ensino fundamental.

Foram utilizados registros variados no decorrer da realização do tema sobre a paz no Ensino Religioso e nos círculos de diálogos, como diário de campo, fotos e gravações. Na realização desses círculos, foi fundamental compreender os sentimentos e as necessidades dos envolvidos, estando presentes recursos necessários para revelar as aspirações individuais mais profundas, expressar e reconhecer erros e medos, liberar as defesas e máscaras, potencializar e trazer para a vivência os valores mais fundamentais, evocar a sabedoria individual e coletiva, reconhecer e acessar dons e potenciais criativos, envolver os participantes em todos os aspectos da experiência humana, mental, física, emocional e espiritual por meio da construção de significados e pertencimento.

O processo circular é uma metodologia de organização de diálogo, reflexão e possível desenvolvimento de planos de ação, que foi estruturada a partir de diversos preceitos [...] Não há conteúdo que consiga transmitir totalmente as possíveis transformações vivenciadas na prática circular, pois cada pessoa experimenta esse momento de um jeito único (MINISTÉRIO PÚBLICO DO PARANÁ, 2020).

Sendo assim, segundo Pranis (2010), há sete pressupostos centrais para condução dos círculos de construção de paz

23 MORENO, Ciriaco Izquierdo. Educar em valores. 3. ed. São Paulo. Editora Paulinas, 2005. p. 87.

24 HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e História do Tempo Presente - Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. Revista Brasileira de História das Religiões. São Paulo, v. 1, n. 3, 2009. p. 03.

25 MARTINELLI, Marilu. Conversando sobre educação em valores humanos, 2006, p.10

- 1 - Dentro de cada ser humanos está o verdadeiro eu: bom, sábio e poderoso;
- 2 - O mundo está profundamente interconectado;
- 3 - Todos os seres humanos têm um profundo desejo de estarem em bons relacionamentos;
- 4 - Todos os seres humanos têm dons e cada um é necessário pelo dom que traz;
- 5 - Tudo que precisamos para fazer as mudanças positivas já está aqui;
- 6 - Seres humanos são holísticos (mente, corpos, emoções e espírito estão presentes em tudo que fazemos, pois somos seres completos);
- 7 - Nós precisamos de práticas para criar hábitos de viver a partir do eu verdadeiro.

Partindo de uma aposta no potencial humano de construir a partir da cooperação, possibilitando cada pessoa do grupo ter voz e ser ouvida para localizar, dentro de si, o que de melhor pode ofertar para o grupo (pressuposto 1). Estando em círculo, cada integrante pode dar ideias e opinar ao mesmo tempo que essas colaborações podem advir dos demais participantes (pressuposto 2). Reconhecer que pertence a um grupo cooperativo, cria-se vínculos de empatia e assim, ideias e adoções de atitudes que enriquecerá as vidas e as relações (pressuposto 3).

Há possibilidade de recebermos ajuda e ofertar algum auxílio para o grupo (pressuposto 4). Com a integração do grupo, pode-se criar outros recursos para transformar positivamente a realidade exposta (pressuposto 5). Durante a prática, é possível perceber que tudo o que é feito ou deixado de fazer, em um contexto relacional, pode incentivar o grupo a caminhar para uma construção ou uma desconstrução (pressuposto 6) e, por fim, o círculo poderá incentivar a criação de hábitos que favoreçam a uma convivência harmônica e atitudes que respeitem o indivíduo e que seja mais autêntico (pressuposto).

Os círculos convidam as pessoas a estarem juntas pelos mais diversos propósitos e cada um dos pressupostos citados está embasado em descobertas científicas dos mais variados campos das Ciências Sociais e da Psicologia.²⁶

A amplitude dos possíveis propostos do círculo levou a uma série de nomeações diferentes, como “círculo de sentenciamento”, “círculo de diálogo”, “círculo de integração”, “círculo para compreensão”, “círculo de transformação de conflitos”, “círculos de celebração”, “círculo de apoio”, etc.²⁷. Cada uma dessas nomenclaturas, deixa explícito o direcionamento estratégico adotado em um círculo específico. Por exemplo, um círculo de diálogo, tem enfoque na interação entre pessoas sem ter necessariamente o comprometimento com a tomada de decisões. Essas separações são necessárias no campo didático pois, na prática, o círculo é multifacetado.

Ao propiciar o diálogo, ele favorece a reflexão e a reflexão pode ser direcionada a construção de um consenso ou mesmo resultar nele sem que o facilitador tivesse planejado esse fluxo (PRANIS, 2019).

Os círculos foram realizados quinzenalmente com uma facilitadora e um co-facilitador, durante o ano letivo de 2020/2021, após análise das especificidades das turmas por meio do levantamento de dados e participação da comunidade escolar. O processo circular ocorreu por meio do manual “No coração da esperança., manual de práticas circulares”, da pesquisadora Kay Pranis, no qual a facilitadora dá as boas-vindas e explica o porquê dos círculos como modelo de diálogo, bem como os objetos identificadores dos estudantes que estão em uma imagem da tela ou no centro do círculo. Logo após segue a explicação da importância do objeto da palavra que, de forma online, cada participante posicionou com um objeto particular, da sua própria casa (como direciona os protocolos de segurança contra Covid-19).

Logo após é feito um check-in para saber com qual humor as pessoas estão começando essa participação e o planejamento dos valores, que são construídos a partir de cada valor particular que o aluno dialoga no círculo. No prosseguimento, há a construção das diretrizes, os combinados

26 PRANIS, 2019, p. 42-43

27 PANIS, 2019, p. 29-31

que são realizados no primeiro círculo de paz e que são lembrados nos outros encontros, a saber

A fala respeitosa no círculo pois cada um fala de si, de seus pensamentos, sentimentos, emoções e vivências, nunca do outro;

A escuta ativa quando é demonstrada atenção plena em sua escuta, mostrando respeito, empatia, afeto e acolhimento;

O objeto da palavra simboliza o direito à fala, mas não obriga; enquanto se detém o objeto, é um direito receber a oferta de escuta dos demais;

O não julgamento no círculo praticando a escuta empática, não julgando aquilo que é exposto pelos participantes;

O sigilo as histórias compartilhadas no círculo, pertencem ao círculo. Não são comentadas em outro momento, devem ser respeitadas como sagradas àquele grupo naquele momento. Para cada participante deve haver a certeza de estar num lugar seguro, que sua partilha de vida não será exposta em hipótese alguma (PRANIS, 2019).

Por meio de perguntas norteadoras, os estudantes puderam no ano de 2020, mesmo que de forma online, puderam rever os colegas de classe, conversar sobre os medos no início da pandemia, suas perdas e anseios, sempre assegurando um espaço seguro. Por fim, é realizado um check-out, escutando dos alunos como eles terminaram esse círculo e se gostaram da experiência. Às facilitadoras, coube conduzir essa escuta ativa, fala e os diferentes saberes e práticas trabalhados durante os círculos de diálogo.

A complexidade e o alcance das relações interpessoais que ocorrem nos círculos de paz, teve como objetivo nutrir relacionamentos saudáveis. Muitas vezes é presumível que diante de tempos pandêmicos de Covid-19, as crianças e adolescentes não seriam tão afetados mais do que a privação que a quarentena proporcionou. Contudo, observou-se que esses indivíduos não estão desconectados da comunidade como um todo. Percebeu-se principalmente um nível de ansiedade nesses estudantes. Nesse contexto, os facilitadores notaram e procuraram corresponder essas necessidades.

Pesquisas recentes identificaram diagnósticos de estresse tóxico em cada vez mais crianças e jovens, todos em contexto socioculturais atuais, que lutam para vincular e construir laços de confiança com os adultos mais próximos (familiares, professores ou tutores). Entretanto, apesar de boas intenções, os responsáveis por cuidar, muitas vezes estiveram desconectados e preocupados, sem saber como atender as necessidades das crianças e adolescentes²⁸

Os círculos, por seus princípios de horizontalidade e liderança compartilhada, são de grande valor para concretizar experiências democráticas, dando voz e vez a todos que estejam interessados ou implicados em determinada situação. Assim, amadurece a ideia democrática de vivências dialógicas, favorecendo a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural.²⁹

Contudo, as práticas circulares não são um fim em si mesmo, mas uma ferramenta para que as pessoas possam conviver em bons relacionamentos. Esse método demonstra as pessoas que “podem adotar práticas para criar hábitos de viver a partir do eu verdadeiro” e que cooperação é um alimento que fortifica a esperança, mostrando caminhos que talvez não seriam cogitados se estivéssemos sozinhos. Partindo disso, o círculo oportuniza transformações geradas nas pessoas por meio de habilidades que já estavam ali e podem ser acessadas fora daquele espaço.³⁰

Conclusão

A implementação do projeto tem se apresentado até o momento como uma via dupla:

28 EVANS e VAANDERING, 2018, p. 20

29 Ministério Público do Paraná, 2020, p. 12

30 PRANIS, 2011, p. 32

reflexões serão estimuladas, na disciplina Ensino Religioso e a cultura de paz se apresentam como uma das estratégias possíveis para vivência da dessas reflexões. Ao apresentar a proposta da disciplina aos educandos, estendemos a comunidade escolar, em especial os pais e responsáveis a vivenciar e experimentar falar e escutar esse novo modelo de mundo, contemporâneo ao Covid-19. Tem sido terreno fértil, tendo em vista que eles são fundamentais no processo educacional, sem a participação dos mesmos dificilmente se consegue alguma mudança seja ela cultural social ou educacional.

Com a realização dos círculos de diálogos, o intuito foi de fortalecer vínculos familiares, aprimorando o senso de comunidade; resolver situações cotidianas dentro e fora do espaço escolar; e desenvolver a escuta ativa e conversação como ferramentas de solução pacífica de conflitos.

A realização dos círculos de diálogos online, percebemos o fortalecimento de vínculos familiares, aprendizado e maturidade para resolver situações cotidianas, desenvolvimento da escuta ativa e conversação como ferramentas para atravessar este momento atual de pandemia mundial.

A pesquisa ainda está em fase de término das práticas circulares. Pretende-se que, ao final, ocorra uma apresentação dos trabalhos desenvolvidos na mostra cultural da própria escola, realizada no final do ano letivo para toda comunidade escolar. Serão realizadas entrevistas com a comunidade escolar: a) junto com a equipe pedagógica da escola e gestores a fim de avaliar o impacto do trabalho na escola; b) com as/os estudantes para avaliarem as aprendizagens que resultaram dessa experiência; c) com os pais no intuito de captar a repercussão da experiência no ambiente familiar.

Referências

Apostila de facilitadores de processos circulares do NUPIA-MPPR, **Ministério Público do Paraná**, 2020.

BICALHO, M. **Cultura de Paz: Convivência e cultura de paz**. 2013. Disponível em: <http://convivenciaepaz.org.br/cultura-de-paz/> acessado em: 15 mai. 2020.

BARRY, John M. **A Grande Gripe. A História Da Gripe Espanhola, A Pandemia Mais Mortal De Todos Os Tempos**. São Paulo: Editora Intrínseca. 2020

BOONEN, Petronella Maria. **A justiça restaurativa, um desafio para a educação**. Tese doutorado. São Paulo, 2011.

BOYES-WATSON, Carolyn PRANIS, Kay. **No coração da esperança – guia de práticas circulares**. Escola Superior da Magistratura da AJURIS Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul / Projeto Justiça para o Século 21 Tradução: Fátima De Bastiani. 2011.

EVANS, Katerine e VAANDERING, Doroty. **Justiça restaurativa na educação**. 1ª edição. São Paulo, ed. Palas Athena, 2018.

FERNANDES, Geovana Faza da Silveira. **Justiça restaurativa, narrativas traumáticas e reconhecimento mútuo**. 1ª edição, editora Dialética, São Paulo, 2021.

FREIRE. N. M. B. et AL. **Educação Para a Paz e a Tolerância: Fundamentos teóricos e Prática Educacional**. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

GRECCO, Aimeé ASSUMPÇÃO, Cecília Pereira 7 11 mais. **Justiça restaurativa em ação: Práticas e reflexões**. DASH EDITORA; 1ª edição.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. **Campo religioso brasileiro e História do Tempo Presente**. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. Revista Brasileira de História das Religiões. São Paulo, v. 1, n. 3, 2009. p. 03.

MORENO, Ciriaco Izquierdo. **Educar em valores**. 3º ed. São Paulo. Editora Paulinas, 2005.

NUNES, Antônio Ozório. **Como restaurar a paz nas escolas: Um guia para educadores.** São Paulo: Contexto, 2011.

PRANIS, Kay. **Workshop círculos de paz.** Org. Terre des hommes, Fortaleza, 2010.

PRANIS, Kay. **Processos circulares.** 1ª edição, São Paulo, Editora palas Athenas, 2010.

SANTOS, Mayta Lobo dos e GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Justiça Restaurativa na Escola - Aplicação e Avaliação.** São Paulo. Juruá Editora, 2014.

SILVA, Elenice da. **Combate ao bullying por meio de princípios e práticas da justiça restaurativa.** Editora InterSaber. 1ª edição. 2006.

SCHIRCH, Lisa. **Construção estratégica de paz.** 1ª edição. São Paulo, editora Palas Athena, 2019.

SCHIRCH, Lisa e CAMPT, David. **Diálogo para assuntos difíceis: um guia prático de aplicação imediata.** São Paulo, Palas Athena, 2018.

ZEHR, Howard. **Trocando as lentes.** 1ª edição, São Paulo, editora Palas Athena, 2008.

ZEHR, Howard. **Justiça restaurativa.** 1ª edição, São Paulo, Editora Palas Athena, 2012.

Legislação

BRASIL, BNCC, **Ministério da Educação**, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 15 dez. 2020.

ONU, **Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz.** 1999. Disponível em <http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf>. Acesso em 22 fev. 2021.

ESPÍRITO SANTO. **Ato normativo conjunto nº028/2018.** Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.tjes.jus.br/corregedoria/2018/07/03/ato-normativo-conjunto-n-028-2018-disp-03-07-2018/>. Acesso em: 13 jan. 2021.

VILA VELHA, **Lei nº 6.132**, de 21 de março de 2019. Varas da Infância e Juventude de Vila Velha. Disponível em <https://www.vilavelha.es.gov.br/legislacao/Arquivo/Documents/legislacao/html/L61322019.html>. Acesso em: 03 mar. 2021.

Recebido em 21 de novembro de 2022.

Aceito em 05 de dezembro de 2022.